

A importância da Monitoria Inclusiva no Ensino Superior: um relato de experiência ocorrida no CDSA/UFCG

Mylena Vicente da Silva ¹

Carolina Figueiredo de Sá ²

RESUMO

O propósito deste trabalho é refletir sobre experiência no âmbito do Programa de Monitoria Inclusiva implementado no CDSA/UFCG. Promovido pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), o Programa tem a finalidade de promover a inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEE) no ambiente acadêmico (UFCG, 2022). A discussão apresenta a perspectiva de uma monitora e de sua orientadora sobre a vivência da monitoria inclusiva de um discente diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A percepção do estudante sobre o Programa também é descrita e analisada. Como fundamentação teórica, são mapeados trabalhos acerca da Monitoria Inclusiva na Universidade (CASTOLDI, *et al*, 2023; SANTOS, 2024), bem como são discutidos conceitos basilares sobre a temática (LIBERALESSO; LACERDA, 2020; CAMARGO, 2009). Destacam-se as leis que asseguram os direitos das pessoas com deficiência em nosso país (BRASIL, 1988; 1996; 2009), bem como problematizam-se relatos de exclusão de pessoas no espectro do autismo em Instituições do Ensino Superior. Adotando abordagem qualitativa quanto a metodologia (MORESI, 2023), é assumida perspectiva democrática e inclusiva quanto a mediação pedagógica do trabalho pedagógico. Apresenta-se a cronologia das atividades desenvolvidas e as particularidades que ocorreram ao longo desta monitoria inclusiva, sendo descritas as principais dificuldades enfrentadas pelo monitorando e pela monitora durante o período letivo. Quanto aos principais resultados, verificou-se a importância da atuação da Monitora Inclusiva para o bom desempenho do educando nas disciplinas matriculadas e a autonomia crescente que o mesmo desenvolveu no período. O apoio acadêmico para leitura e compreensão de textos teóricos; o suporte e ensino-aprendizagem quanto ao letramento digital; o fortalecimento da autoconfiança do monitorando, a partir da relação de companheirismo estabelecida entre Monitora e estudante acompanhado, são alguns dos aspectos relevantes alcançados. Nas considerações finais, ressalta-se a relevância do Programa de Monitoria Inclusiva para o avanço da inclusão educacional no *campus* do CDSA-UFCG, bem como a necessidade de sua consolidação e ampliação.

Palavras-chave: Monitoria Inclusiva, Ensino Superior, Relato de Experiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Inclusão.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal – CDSA/UFCG, mylena.vicente@estudante.ufcg.edu.br;

² Doutora em Educação (UFPE), Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande – CDSA/UFCG, carolina.figueiredo@professor.ufcg.edu.br

INTRODUÇÃO

A trajetória de formação no ensino superior apresenta situações que desafiam os estudantes não apenas academicamente, sendo que, muitas vezes, esse ambiente formativo não oferece suporte suficiente para a efetiva inclusão de pessoas com deficiências e diferentes Transtornos Específicos e do neurodesenvolvimento, o que implica em uma série de desafios para os discentes e os profissionais que atuam nas Universidades (Santos, 2024). No caso da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a implantação do Programa de Monitoria Inclusiva é uma iniciativa que visa promover a inclusão de todos os alunos oferecendo suporte pedagógico adequado. O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), órgão criado em 2016 nesta instituição, visa justamente integrar pessoas com deficiência ao meio acadêmico e diminuir as barreiras educacionais existentes, uma dessas formas é por meio do Programa de Monitoria Inclusiva, o qual tem a finalidade de promover a inclusão de alunos com diferentes deficiências e Necessidades Educacionais Específicas (NEE) no ambiente acadêmico (UFCG, 2022).

É importante salientar que os procedimentos a serem adotados na educação para a acessibilidade e inclusão não seguem um caminho único, mas sim são construídos de acordo com a realidade de cada aluno - e o Programa da Monitoria Inclusiva também busca oferecer suporte personalizado às demandas e necessidades individuais de cada estudante (*Idem, Ibidem*). Atualmente na UFCG, este programa é regido pela Portaria de nº 85, de 30 de setembro de 2022, a qual define, em seu Capítulo 1, que:

Art. 2º. Entende-se por Monitoria Inclusiva as ações do/a estudante de graduação presencial com a finalidade de apoiar, desenvolver e acompanhar atividades junto a outros(as) estudantes de graduação presencial com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, superdotação/altas habilidades, de maneira a contribuir com a inclusão e a acessibilidade, minimizando barreiras e colaborando com a permanência e êxito na formação. (UFCG, 2022)

Assim sendo, compreende-se que a Monitoria Inclusiva tem o compromisso de promover a inclusão e acessibilidade dos estudantes com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), a partir da identificação desses estudantes pelo NAI, e realizando a seleção de Monitores Inclusivos, por meio de edital público, a cada período letivo. Para cada tipo de deficiência ou transtorno é especificado que o Monitor Inclusivo possua uma determinada habilidade, conhecimento e experiências. No caso, por exemplo, de um aluno que seja surdo, é indicado que o seu monitor tenha boa desenvoltura em LIBRAS, para um melhor desenvolvimento das atividades.

O estudante por nós acompanhado nos períodos letivos de 2022.2 e 2023.1, é acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA/UFCG), tendo sido diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), como comorbidade.

O TEA apresenta um espectro muito amplo de características em diferentes áreas, que em geral podem implicar em dificuldades de níveis variados na interação e comunicação social, no desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal, e em padrões restritos e repetitivos de comportamento (Santos, 2024). Para ser considerado portador de TEA, esses traços devem ser identificados desde a infância e, de alguma forma, prejudicar a vida do indivíduo (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017). Já o TDAH, é compreendido como um transtorno que implica em alterações na atenção, desorganização, impulsividade e hiperatividade, seja ela mental e/ou física (DSM V, 2014).

Um agravante às dificuldades mencionadas é que, muitas vezes, as pessoas no TEA e/ou com TDAH e outros transtornos não contam com o apoio necessário nas instituições de ensino devido à falta de conhecimento e formação sobre o tema, o que leva a que determinados comportamentos atípicos não sejam bem compreendidos por trabalhadores da educação e demais estudantes e/ou a que estes não saibam como lidar com as situações que envolvem os(as) alunos(as) neuroatípicos. Sabendo disso, o Monitor Inclusivo deve atuar como mediador pedagógico, tanto na interação direta com o discente acompanhado como com os docentes e, quando possível e com a autorização do estudante, também informar a comunidade acadêmica de modo mais amplo, favorecendo com que o(a) estudante sintasse ouvido(a) e acolhido(a).

Assim, esse artigo tem o intuito de relatar as atividades desenvolvidas no âmbito da Monitoria Inclusiva com o discente acompanhado e refletir sobre a importância da mesma em seu processo formativo, problematizando sobre algumas dificuldades encontradas por ele particularmente no início de sua trajetória acadêmica, em grande parte motivadas pelo desconhecimento, no âmbito universitário, sobre o TEA.

METODOLOGIA

A metodologia é o percurso utilizado para coletar informações importantes na construção de um trabalho. Nossa abordagem quanto a metodologia deste trabalho é a qualitativa (Moresi, 2023), fundamentada na descrição e integração das experiências

vivenciadas pelo monitorando acompanhado, pela monitora e pela orientadora da Monitoria Inclusiva.

O primeiro passo após a seleção da monitora foi realizar uma reunião presencial com o aluno com TEA, a monitora, a orientadora inclusiva, a psicóloga do *campus* e a responsável pelo NAI. Essa ação foi tomada para garantir que o aluno se sentisse confortável, pois ele conhecia, até então, apenas a psicóloga e a responsável pelo NAI.

Na reunião, identificamos a dificuldade de interação social do aluno, que não se comunicava bem presencialmente. Por outro lado, este se expressava muito bem pelo WhatsApp. Assim, a monitora inclusiva deu continuidade ao contato inicial por meio desse canal. Primeiramente, discutiu-se com ele as questões nas quais ele mais precisava de ajuda e as atividades que estava desenvolvendo, a fim de organizar a primeira versão do cronograma. É importante destacar que esse cronograma foi ajustado conforme novas necessidades surgiram.

Com o passar do tempo, a monitora e o estudante acompanhado foram ficando mais próximos afetivamente e começaram a realizar diversas atividades, como: leitura compartilhada de textos, auxílio no desenvolvimento da construção de material gráfico no Canva e oficina de conhecimento sobre o Word.

Estudos realizados neste período para melhor compreensão acerca do TEA, bem como uma revisão sobre a experiência de outros processos de Monitoria Inclusiva no país e na UFCG, foram importantes para embasar a atuação da Monitoria Inclusiva junto ao estudante acompanhado. Tais estudos são, sinteticamente, discutidos a seguir.

Para a produção deste relato, solicitamos do estudante acompanhado que escrevesse sobre essa experiência, para que pudéssemos trazer seu ponto de vista para o texto, contribuindo com nossa discussão e reflexões.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como instituição de ensino superior, tem a responsabilidade de proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para os estudantes. Entretanto, a estrutura do local apresenta falhas, com áreas de difícil acesso para cadeirantes e outros problemas. Mesmo assim, a instituição, por meio do NAI, tem-se

dedicado à inclusão dos estudantes Portadores de Deficiências (PdC's) que estudam no *campus*, o qual atualmente possui alunos surdos e diagnosticados com o TEA.

Se por um lado, o indivíduo com autismo tem o direito de se beneficiar de intervenções que possam, efetivamente, resultar na melhora em sua qualidade de vida, por outro lado, é dever do poder público construir políticas públicas que visem resultados concretos, priorizando a utilização dos recursos públicos com intervenções de eficácia científica comprovada. (LIBERALESSO; LACERDA, 2020)

Assim, a Monitoria Inclusiva, como direito discente e dever da instituição, vem promovendo efetivamente espaços de intervenções significativas aos alunos autistas. Refletindo sobre esse trabalho de intervenção, analisamos alguns relatos de experiência, para ampliar nosso entendimento sobre as iniciativas de outros monitores inclusivos. As ações que consideramos eficazes foram, então, integradas à nossa prática pedagógica da Monitoria.

O primeiro relato de experiência foi descrito por membros da equipe do NAI, da Universidade Federal de Campina Grande, referente ao *campus* Sede (Silva, et al, 2023). O trabalho buscou compreender a importância da monitoria inclusiva para permanência na instituição de estudantes com deficiências, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtornos Específicos. Além disso, é importante esclarecer que o público atendido no período analisado de 2022.1, integrava diferentes cursos ofertados pela Universidade. A avaliação do serviço prestado, de acordo com os autores, foi analisada por meio dos dados quantitativos e qualitativos fornecidos através do rendimento acadêmico dos estudantes e os relatórios finais. Apresentando-se a conclusão de que ainda existem desafios a serem enfrentados, mas de modo geral, o programa tem contribuído para o desenvolvimento acadêmico desses estudantes.

O segundo relato de experiência ocorreu em uma Instituição Federal de Ensino Superior na Zona da Mata Mineira (Castoldi, et al, 2023). Neste artigo, a monitora inclusiva de uma estudante com TEA, objetivou descrever as atividades desenvolvidas; identificar os desafios encontrados no decorrer dos períodos; e identificar as ações importantes para o desenvolvimento, acessibilidade e inclusão da estudante. Diante dessa vivência, os autores apresentaram em suas considerações que o papel de monitor inclusivo apresenta diferentes camadas, a exemplo do acompanhamento do estudante, da elaboração de atividades, a construção de materiais didáticos e os constantes questionamentos sobre a postura do(a) monitor(a) inclusivo(a).

Para finalizar, o terceiro relato de experiência que estudamos trata de uma vivência de um discente diagnosticado com TEA no primeiro ano do curso de medicina, em uma Instituição de Ensino Superior Federal, no Estado de Minas Gerais (Santos, 2024). Inicialmente sem o suporte da Monitoria Inclusiva, o discente não estava obtendo um bom desempenho na disciplina de Anatomia Humana 1. De acordo com o autor, a adesão à monitoria inclusiva, na metade do primeiro semestre, resultou em um melhor aproveitamento desta disciplina.

Para garantir que existem esses espaços que promovam intervenções e inclusão é que existem as leis que asseguram os direitos das pessoas com deficiência em nosso país (BRASIL, 1988; 1996; 2009) sejam efetivamente postas em prática, uma vez que foram estabelecidas visando combater práticas de sua discriminação e exclusão.

Não podemos ignorar essa realidade: a exclusão de pessoas com TEA é uma questão presente no ensino superior. Há numerosos relatos de pessoas autistas que corroboram essa afirmação, incluindo a psicóloga Yvanna Aires que desabafou na internet: “Há uma barreira atitudinal dos professores que impede uma adaptação do processo pedagógico, e uma barreira de atitude dos próprios estudantes. Rotinas sociais dificultam a permanência” (CEUB, 2023³); e como a educadora Jéssica Borges: “Sofri dificuldades na escola e universidade, problemas que poderiam ter sido prevenidos com maior adaptação de tempo de trabalho, prazos para entrega de projetos e auxílio de monitores” (*Idem, ibidem*).

Camargo (2009) salienta a relevância da integração de crianças autistas no ensino regular para promover compreensão e respeito. Da mesma maneira, reconhecemos a importância desses ambientes inclusivos no Ensino Superior. Assim, é crucial enfrentar os desafios dos processos de exclusão e estimular debates sobre o assunto nas universidades. A Monitoria Inclusiva emerge, portanto, como um importante programa que pode fomentar e respaldar iniciativas mais amplas da discussão acadêmica sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Solicitamos ao estudante acompanhado um breve relato de sua experiência para a construção deste relato de experiência. Ele prontamente atendeu e escreveu sua percepção utilizando o Word. Para melhor organização da discussão, dividimos os trechos de seu texto em quadros de acordo com algumas temáticas.

³ Educadora autista diz que acesso ao ensino formal pode ser “violento”; psicóloga vê “exclusão”. **Agência de Notícias CEUB**, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/educacao-e-saude/educadora-autista-diz-que-acesso-ao-ensino-formal-pode-ser-violento-psicologa-ve-exclusao/>. Acesso: 09/05/24.

No primeiro quadro, o aluno relata a respeito de seu ingresso na UFCG.

Quadro 1 - Ingresso do estudante acompanhado na universidade

Relato do estudante acompanhado
Quando ingressei na universidade, eu tinha diversas perspectivas e dúvidas de como seria a vida universitária, na prática, porque até o momento, tudo que eu sabia eram relatos paralelos e cenas bobas de filmes. No primeiro momento, minha experiência foi online, por consequência da pandemia que assolou o mundo.

Fonte: as autoras.

É importante mencionar que, durante esse período, o estudante ainda não havia sido diagnosticado. Ao ingressar de forma *online*, sem saber que possuía algum transtorno, ele não recebeu nenhuma adaptação no ambiente acadêmico. Dessa forma, o estudante teve que enfrentar esse período sozinho, já que tudo era novo para ele e ele não conseguiu formar amizades devido às suas dificuldades de interação social ainda mais acentuadas pelo período pandêmico. No semestre seguinte, as aulas voltaram a ser presenciais no *campus* do CDSA-UFCG. O educando, então, se mudou para a cidade de Sumé-PB, para poder dar continuidade aos estudos, como podemos ver no quadro 02:

Quadro 2 - Aulas presenciais, dificuldades e buscas por respostas

Relato do estudante acompanhado
Posteriormente eu me desloquei até a cidade do <i>campus</i> para poder morar e frequentar as aulas presencialmente. E disso germinaram os primeiros problemas e contratempos, do tipo: como eu me manteria financeiramente, alimentação, custos com demanda de material para poder estudar, etc. Não muito depois, meus vizinhos e uma parente minha, que na época ainda residia em Sumé, notaram que eu era um sujeito que divergia do considerado “normal”. Com isso, propuseram me levar para receber tratamento psiquiátrico para enfim compreender o que havia de diferente comigo, e me ajudar a contornar os meus “maneirismos”.

Fonte: as autoras.

Ao chegar à cidade universitária o estudante começou a se preocupar com a sua permanência no local, no período citado, o educando não dispunha de nenhum tipo de auxílio econômico. Logo em seguida, vizinhos e parentes apresentam os primeiros apontamentos de que seu comportamento poderia indicar a existência de algum transtorno - indicando que tal observação não veio do ambiente universitário, mas sim do convívio familiar e social fora da universidade.

É importante mencionar que, durante esse período, o estudante também apresentava atitudes de isolamento na universidade e só se comunicava em momentos de extrema necessidade, mesmo nas aulas, mas isso não foi suficiente para que os seus colegas ou professores compreendessem que o aluno poderia possuir algum transtorno. Oliveira (2013) enfatiza que os docentes são os principais responsáveis pela inclusão de pessoas com

necessidades educacionais especiais no ensino superior. Ele também destaca que a falta de preparo para lidar com esses estudantes em sala de aula pode comprometer essa inclusão. No entanto, tendo em vista a falta de formação docente sobre essa questão, era realmente uma situação nova para os professores. É importante pautar que, naquele momento, o CDSA não tinha conhecimento da existência de nenhum estudante autista no *campus*, e não havia, tampouco, discussões mais amplas sobre esse tema.

Apesar disto, o estudante deu prosseguimento às consultas para compreender melhor sua condição, o que é relatado no quadro 03:

Quadro 3 - Diagnóstico do TEA e do TDAH

Relato do estudante acompanhado
Após diversas consultas, com psiquiatras, neurologistas, psicólogas e investigações de histórico familiar, um neurologista e uma psiquiatra me deram laudos, não muito tempo distante um do outro, me comprovando como um sujeito neuro diverso; Autismo e TDAH foram suas respectivas conclusões, com outras pequenas comorbidades menores.

Fonte: as autoras.

O estudante compartilhou em uma conversa pelo WhatsApp que descobrir tantas coisas sobre si mesmo, de uma só vez, foi um grande choque para ele, que ainda estava processando tais informações. De acordo Valuta (2023), o diagnóstico tardio do TEA pode comprometer o desenvolvimento de técnicas de habilidades sociais, o que prejudica diretamente a capacidade do autista conseguir integrar-se socialmente. Assim sendo, o monitor inclusivo pode figurar um papel importante de mediador social para o desenvolvimento das atividades com mais tranquilidade:

Quadro 4 - Ingresso no Programa de Monitoria Inclusiva

Relato do estudante acompanhado
Posteriormente, a psicóloga da universidade conversou comigo e sugeriu que eu realizasse o ingresso em um programa de monitoria inclusiva, para que uma pessoa pudesse me auxiliar com as atividades da universidade, acompanhamentos e informações... Eventualmente eu ingressei e conheci a minha monitora, que foi me apresentada pela psicóloga, juntamente de um outro grupo de orientadoras.

Fonte: as autoras.

Acreditamos que o Programa da Monitoria Inclusiva, foi fundamental para que o estudante realizasse as atividades solicitadas pelos docentes nesse período e tivesse melhoria

nas disciplinas, o que também percebemos nos outros relatos de experiência estudados - como em Santos (2024), por exemplo. Além disso, o semestre em que as aulas presenciais no CDSA-UFCG foram retomadas foi bastante desgastante para o aluno, pois começou a usar medicações que o deixavam muito sonolento, cansado e desanimado. Esse período foi complicado e desgastante para ele, tanto como estudante quanto como pessoa. Embora tenha passado em todas as disciplinas, foi o semestre em que mais precisou do apoio da monitora inclusiva para realizar as atividades. O processo de adaptação do mesmo na monitoria inclusiva foi assim relatado por ele:

Quadro 5 - Primeiras interações sociais com a Monitora Inclusiva

Relato do estudante acompanhado
<p>A princípio me causou bastante estranhamento — eu não tinha habilidades sociais desenvolvidas o suficiente para manter contato constante com alguém, ainda em contraste com auxílio de atividades e outras demandas do curso; mas eu quis não deixar as coisas mais difíceis e com o tempo fui ficando mais tranquilo com a presença de Mylena, e aos poucos me organizando melhor, e em certo grau me tornando mais hábil a me envolver em situações e performar de uma maneira que meus prejuízos decorrentes dos transtornos, se fizessem menores.</p>

Fonte: as autoras.

De acordo com o contrato de monitoria, a monitora inclusiva somente teria a responsabilidade de fornecer suporte acadêmico. No entanto, ao tomar conhecimento do histórico dele e da demora com que estava recebendo assistência, a Monitora percebeu que seria relevante apoiá-lo emocionalmente. Paralelamente aos sentimentos do educando sobre ela, a monitora também estava tendo inquietações. Indagações começaram a surgir: “será que vou conseguir conquistar a confiança dele?”, “será que devo me restringir a falar apenas assuntos acadêmicos?”. Essas questões surgiram, pois no início foi mais difícil estabelecer contato, e ela se questionou se estava seguindo o caminho certo. Assim como Castoldi (2023), também duvidou da sua postura como monitora. No entanto, com o passar do tempo e através dos esforços mútuos entre ela e o estudante, desenvolveram um relacionamento de companheirismo:

Quadro 6 - Suporte da Monitora Inclusiva

Relato do estudante acompanhado

Graças a esse acompanhamento, me tornei menos rígido, aprendi a me organizar melhor, os professores foram informados sobre minhas necessidades e decorrente disto a relação de ensino-aprendizagem evoluiu significativamente. Ela me informou e me ajudou a ser integrado nos programas de auxílio estudantil, minha situação financeira e de acesso ao Campus melhoram em decorrência desses programas (que eu não saberia de forma alguma sem ela), e principalmente me deu um apoio enorme na minha estabilidade emocional e adequação.

Fonte: as autoras.

Conforme relatado pelo estudante, a monitora procurou auxiliá-lo em todas as áreas possíveis e garantir que ele se sentisse à vontade com sua própria percepção. Uma das principais formas de ajuda da monitora foi no letramento digital. Essa dificuldade foi rapidamente identificada, pois o estudante mencionou durante o mapeamento inicial das atividades que não sabia usar adequadamente softwares essenciais para o desenvolvimento acadêmico, como Word e Canva. Posteriormente, descobrimos que essa dificuldade se devia ao fato de o estudante não possuir um computador e realizar suas atividades pelo celular. Ao perceber isso, a monitora buscou informações sobre o Auxílio de Inclusão Digital e auxiliou o estudante em todas as etapas do processo de seleção. Após obter um computador, o estudante melhorou consideravelmente suas habilidades na produção de material didático.

Durante o período de monitoria, a monitora concentrou-se especialmente em incentivá-lo a desenvolver sua autonomia, orientando-o e encorajando-o a agir de forma proativa. Com isso, um dos principais objetivos traçados inicialmente por nós foi alcançado: que ele se sentisse capaz de enfrentar as atividades por conta própria e que se alegrasse com os resultados obtidos. Acreditamos firmemente que esse seja um dos papéis fundamentais de um bom monitor.

Quadro 7 - Visão do estudante acompanhado sobre o Programa de Monitoria Inclusiva

Relato do estudante acompanhado
<p>O programa de monitoria surgiu no meu momento de maior fragilidade, e transformou essa fragilidade em algo novo, transformou-a em força; me encontro quase na conclusão do curso, o que não seria possível sem o auxílio, sem as adequações, sem acompanhamento, sem apoio. Além de moldar minha estadia no <i>campus</i>, me aconselhou de maneira muito paciente e gentil, sobre o que eu posso realizar após a conclusão, e o que posso ainda fazer durante a graduação.</p>

Fonte: as autoras.

Costa (2021) destaca a importância da afetividade nos ambientes educacionais, afirmando que, ao estabelecer um vínculo afetivo e transmitir segurança aos alunos, o professor promove a aprendizagem. Da mesma forma, este é um passo importante a ser dado entre o monitor inclusivo e o estudante autista. O monitor precisa estabelecer um bom relacionamento para compreender com precisão as demandas acadêmicas do estudante. Além

disso, é essencial que o estudante se sinta à vontade para comunicar ao monitor quando está passando por um período de crise, permitindo que o monitor trabalhe em conjunto com os professores para buscar soluções e evitar que o estudante seja prejudicado.

Quadro 8 - A afetividade presente na relação pedagógica da Monitoria Inclusiva

Relato do estudante acompanhado
Foi um processo que teve sua instabilidade no primeiro contato, mas que rapidamente foi adequado ao meu contexto, se tornou flexível para preencher as lacunas que haviam em decorrência dos meus prejuízos. Hoje me vejo completamente estável em todas as esferas, se tornou mais do que um auxílio, tornou-se uma parte essencial que me garantiu bem-estar, além de garantir uma amiga que tenho muito afeto e cativo.

Fonte: as autoras.

Tal qual na experiência de Silva (2023), o êxito da atuação da monitora e da orientadora da monitoria inclusiva também se dá por meio dos dados qualitativos (rendimento acadêmico e relatório final). Durante o primeiro semestre que realizamos a monitoria, o discente passou em todas as 5 cadeiras matriculadas.

No segundo semestre em que o acompanhamos, o estudante foi reprovado em apenas uma das cinco disciplinas em que estava matriculado, uma cadeira optativa, por falta. No início do semestre, o discente acompanhado e a monitora realizaram algumas atividades dessa disciplina juntos, mas em uma conversa informal, descobrimos que ele havia parado de frequentar as aulas. Ele explicou que não estava em nenhum grupo de WhatsApp da turma e, por ser isolado, ninguém o avisou que o professor havia solicitado sua presença. A monitora falou com o professor da disciplina sobre a situação e explicou que o estudante estava passando por um período difícil devido ao uso de medicação. No entanto, o professor afirmou que a frequência às aulas era um critério da disciplina e que não poderia ajudar.

Situações como essa podem e vão acontecer ocasionalmente. O importante é pensar em maneiras de evitar que se repitam, criando novas estratégias pedagógicas. Por isso, sugerimos que ele criasse um cronograma das disciplinas e o deixasse em um local de fácil visualização em sua casa no semestre seguinte. Também o orientamos a participar de todos os grupos das disciplinas e, caso não houvesse um grupo, solicitar a criação de um. Recentemente, em uma conversa informal, ele relatou à monitora que essas táticas tinham funcionado. Portanto, é essencial sempre se adaptar aos imprevistos com calma, paciência e diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na experiência vivida, acreditamos que, se for viável e consensual, estabelecer um vínculo emocional com um estudante com TEA pode resultar em um

desempenho mais satisfatório das atividades. Isso, pois o estudante consegue expressar melhor suas angústias e insatisfações, questões que o monitor pode mediar e resolver através do diálogo com os estudantes e professores. Além disso, pessoas com autismo geralmente precisam sentir confiança para se relacionarem, algo que só pode ser construído com paciência e tempo.

A Monitoria Inclusiva é suma relevância como política de inclusão de estudantes com TEA, TDAH e outros transtornos e deficiências. Com base na experiência acreditamos ser importante a realização de um curso de formação para os monitores inclusivos no CDSA-UFCG. Tendo em vista, que o público da monitoria Inclusiva é específico e necessita de habilidades e conhecimentos específicos. É certo que esse é um processo pedagógico que é baseado na individualização, e que apesar do planejamento surgirão diversas questões imprevisíveis, mas é uma forma de garantir o básico de conhecimento possível para uma função tão complexa. A monitora participou de vários congressos que abordaram sobre o TEA e o TDAH, mas genuinamente nos questionamos: será que os outros monitores inclusivos terão essa autonomia? Não seria papel da própria Universidade se responsabilizar por essa formação?

Ademais, também acreditamos ser importante que as responsabilidades do monitor inclusivo sejam expressas mais detalhadamente nos editais de seleção da monitoria Inclusiva, uma vez que identificamos algumas lacunas nos mesmos. As atividades de suporte pedagógico e técnico para promover a igualdade de oportunidades são descritas, porém, essa informação ainda nos parece insuficiente para aqueles que não fazem parte ou não conhecem o programa. Sabe-se que o Programa de Monitoria da UFCG tem como foco uma disciplina específica, uma vez que essa informação está descrita no edital. No entanto, a descrição de quantas cadeiras o monitor terá que acompanhar não é elucidada no edital da monitoria inclusiva. Dessa forma, esse ponto é conhecido apenas durante o processo de seleção: ou seja, na prática, o monitor inclusivo deve dar assistência em todas as disciplinas em que o aluno acompanhado se sentir desafiado durante o semestre, o que gera uma sobrecarga dos Monitores Inclusivos para um apoio efetivo e constante dos discentes acompanhados pelo Programa, no caso de serem muitas as disciplinas que os desafiam.

Por outro lado, ressalta-se que nem tudo que se refere às atribuições dos Monitores Inclusivos ou aos processos de mediação que estes realizarão com os estudantes acompanhados pode ser previsto antecipadamente, já que a maioria das atividades realizadas com os estudantes acompanhados está sujeita às necessidades que surgem durante o processo

pedagógico, sendo sumamente importante a ampliação da Monitoria Inclusiva nas Universidades.

REFERÊNCIAS

BARKLEY, R. A.; BENTON, C. M. **Vencendo o TDAH Adulto**. Artmed. Porto Alegre, 2011.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**; 21 (1): 65-74, 2009.

CASTOLDI, B.; NEGRÃO, P. M. D. L. E. S.; FERENC, A. V. F.. A Monitoria Inclusiva no Ensino Superior: um relato de experiência. In: **Anais do 10º Congresso Brasileiro de Educação Especial**, Anais eletrônicos. Campinas, 2023.

COSTA, Hélen Cleire Luzardo Coutinho. A relevância da afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Humanidades e Inovação**. v.8, n.55, 2021.

DSM V - **Manual de Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed, Edição: 5, Local de Publicação: Porto Alegre, Ano de Publicação: 2014.

LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. M. books, 2020.

MEC. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008a.

MORESI, Eduardo (Organizador). **Metodologia da Pesquisa**. Brasília – DF, Mar 2003.

OLIVEIRA, C.B. **Jovens deficientes na universidade: experiências de acessibilidades?** *Rev. Bras. De Educação*, Niterói, v.18, n.55, p.961-1065, 2013.

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A.; RUIZ, Pedro. **Compêndio de Psiquiatria. Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SANTOS, J. M. Oliveira dos; et al. Desafios de um discente do Curso de Medicina portador do Transtorno do Espectro Autista no primeiro ano: relato de experiência. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**. 5(5), e555315. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2024.

SILVA, Vanya Araujo, et al... Programa de monitoria inclusiva na universidade federal de campina grande: um relato de experiência no campus sede. **Anais IX CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2023.

UFCEG. **Portaria nº 86 do Gabinete da Reitoria, que regulamenta o Programa de Monitoria Inclusiva**. Boletim de Serviço Nº 57/2022 - 30 de setembro de 2022. Disponível:https://portal.ufcg.edu.br/phocadownload/userupload/Boletim_de_servico/boletim%20de%20servico%20-%2057%202022.pdf

VALUTA. Marília Gabriela. **Diagnóstico tardio de autismo e sua relação com a qualidade de vida em adultos**. Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Curso de Bacharelado em Medicina, Passo Fundo, RS, 2023. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/7652/1/MAR%e3%8dLIA%20GABRIELA%20VALUTA.pdf>. Acesso em: 05/05/24.